

## **A formalização da psicanálise como uma dialética. A Primeira Clínica de Lacan e o grafo de 1953.**

**The psychoanalysis formalization as a dialectic. Lacan's first clinic and the 1953's graph.**

JAIME IVÁN HERNÁNDEZ ESPAÑA

### **RESUMO:**

Este trabalho propõe apresentar um avanço da investigação que temos realizado nos últimos anos sobre os antecedentes do ensino de Jacques Lacan. Denominamos "Primeira Clínica" à formalização da experiência psicanalítica que Lacan propõe como consequência de tais antecedentes, o que implica a correção dos conceitos do campo freudiano a partir da teoria da intersubjetividade e da noção de sujeito com a qual trabalhava naquela época. Desta clínica, deriva uma *primeiríssima* formalização, em uma chave dialética, conhecida como *O grafo de uma análise*.

**PALAVRAS-CHAVE:** o grafo de uma análise; primeira clínica; dialética; formalização; intersubjetividade; reconhecimento; desejo; inconsciente; campo freudiano; introspecção.

### **ABSTRACT:**

This paper pretends to present an advance of the research we have been developing over the last years about the antecedents of Jacques Lacan teaching. We have denominated as "First Clinic" the psychoanalytical experience formalization proposed by Lacan as a consequence of such antecedents, implying the correction of concepts of the Freudian field, from the intersubjectivity theory and the subject notion of that time. A first formalization derives from this clinic, in a dialectical code, known as the *Graph of an analysis*.

**KEY WORDS:** Graph of an analysis; first clinic; dialectic; formalization; intersubjectivity; recognition; desire; unconscious; Freudian field; introspection.

Utilizaremos, para este trabalho, a noção de *campo freudiano* para fazer referência àquele campo que Sigmund Freud construiu para a ação do psicanalista. Enquanto o conceito de "inconsciente" será aquele que consideramos renovado e reconstruído, isto é, *reinventado*, por Jacques Lacan. Como ele mesmo afirma em *Abertura da sessão clínica*, de 1977:

Então, o inconsciente não é de Freud, é necessário dizer, é de Lacan. Isso não impede que, o campo, ele, seja freudiano.<sup>1</sup>

Portanto, o campo é freudiano, e o inconsciente é de Lacan.<sup>2</sup> Baseados no anterior, propomos a seguinte declaração de método: *a partir do ensino de Lacan, explicaremos os fenômenos do campo freudiano.*

De sua parte, Erik Porge propõe uma divisão do ensino de Lacan para que este seja estudado em quatro partes:

Iª parte: Um sujeito recíproco (1945)

IIª parte: O sujeito das escansões significantes (1966)

IIIª parte: A relação [*relation*] incomensurável dos sujeitos (1973)

IVª parte: A relação-proporção [*rappor*t] não complementar entre os sujeitos (depois de 1973).<sup>3</sup>

O que denominaremos, a partir de agora, de "Primeira Clínica", corresponde à Iª parte desta divisão: "um sujeito recíproco".<sup>4</sup> Consideraremos esta clínica como a formalização da experiência psicanalítica que Lacan propôs como consequência de todo o trabalho realizado desde 1928, a partir de seus primeiros comunicados em psicopatologia e

---

1 Lacan, J. (2007). *Apertura de la sección clínica*. México: Me cayó el veinte. p. 12. (Tradução nossa).

2 Cronologicamente, o inconsciente é introduzido por S. Freud no campo freudiano que ele funda e na prática que inventa, a psicanálise. No entanto, logicamente, o inconsciente é de Lacan quando introduz sua noção do significante. Como ele mesmo afirma na conferência de 1977, *Abertura da sessão clínica*: "Devo dizer que, embora quisessem fazer de Freud um escritor, a *Traumdeutung* [*A interpretação dos sonhos*] é excessivamente confusa. Inclusive, é tão confusa que não é possível dizer que seja legível. Gostaria de saber se alguém a leu de cabo a rabo. Por dever, eu me obriguei a isso. De qualquer forma, traduzida para o francês, não tem as mesmas qualidades que em alemão. Em alemão, isso se sustenta, mas não torna, contudo, mais clara a noção de inconsciente, do *Unbewußte*" (tradução nossa), Idem, p. 8. E mais adiante: "Se falei de 'retorno a Freud', é para que se convençam de até que ponto é capenga. E me parece que a ideia do significante explica, apesar de tudo, como isso caminha" (tradução nossa), Idem, p. 10. Lacan já o tinha antecipado onze anos atrás, na contracapa de seus *Escritos*, declarando que: "o inconsciente procede do lógico puro; dito em outras palavras: do significante" (tradução nossa), Lacan, J. (1984). Contratapa, em *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. De forma retrospectiva, em 1977, diz que o inconsciente é seu, consequência de que em 1966, defendeu que o inconsciente é explicado pelo significante que ele mesmo introduziu na psicanálise. Portanto, *o inconsciente*, como procedente do lógico puro e para a clínica psicanalítica sustentada em seu ensino, é de Lacan.

3 Porge, E. (1989). *Se compter trois: le temps logique de Lacan*. Toulouse: éditions érès. p. 7. (Tradução nossa).

4 As datas entre parênteses obedecem ao critério de Porge sobre seu estudo do sujeito e do tempo, que, no caso do sujeito recíproco, data da publicação original de "El tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada. Un nuevo sofisma", em 1945; enquanto o sujeito das escansões significantes, a publicação dos *Escritos*, em 1966. E assim sucessivamente. Para mais detalhes, consultar a magnífica obra de E. Porge citada anteriormente.

gnosologia,<sup>5</sup> até 1953, com a conferência *O simbólico, o imaginário e o real*,<sup>6</sup> que marca o início de seu ensino na psicanálise. Desse *quarto de século* de árduo trabalho intelectual, Lacan realizou uma seleção de artigos<sup>7</sup>, que incluiu em seus *Escritos*, sob o nome de “De nossos antecedentes”.<sup>8</sup>

O próprio Lacan nos indica o modo de trabalhar com esses antecedentes de seu ensino:

Acontece que **nossos alunos se enganam** ao descobrir ‘já ali’ aquilo ao que nosso ensino nos levou depois. Não é coincidência suficiente que o que está ali não tenha bloqueado o caminho? Considere o que aqui se desenha em termos de **uma referência à linguagem como fruto da única imprudência que nunca nos enganou**: a de não confiarmos em nada a não ser nessa experiência do sujeito que é a matéria única do trabalho psicanalítico.<sup>9</sup>

Lacan já estava advertido de que seus alunos procuravam – e muitos continuam fazendo isso hoje em dia –, em seus primeiros trabalhos, o que desenvolveu depois: “gozo”, “objeto a”, “sinthome”, etc. No entanto, ele nos adverte que esta manobra é uma ilusão; não sem nos mostrar, por sua vez, o caminho correto: *o que está ali, em seus antecedentes, não bloqueou o caminho do que veio depois*. Neste sentido devemos nos perguntar como encontrar, nessas primeiras elaborações, as condições de possibilidade dos próximos desenvolvimentos. Ou também, como, conforme avançava em suas pesquisas, resultados e conclusões, foram aparecendo novas perguntas que, naquele momento, não tinham

---

5 Cf. De Frutos Salvador, Á. (1994). *Los Escritos de Jacques Lacan. Variantes textuales*. Madrid: siglo veintiuno de españa editores. p. 302: “Neste grupo [*L'Évolution Psychiatrique*], Lacan começa em 1928 o que chama de «l'ordre de sa participation», seus comunicados, que resumirá em 1938, sob a denominação «Théorie de la connaissance paranoïaque (contribution de la psychopathologie à la gnoséologie)»”.

6 Lacan, J. (2009). *Lo simbólico, lo imaginario y lo real. Conferência pronunciada no Anfiteatro do Hospital Psiquiátrico de Sainte-Anne, Paris, em 8 de Julho de 1953, por ocasião da primeira reunião científica da recentemente fundada Société Française de Psychanalyse, e posterior discussão* (R. Rodriguez Ponte, Trad.). Buenos Aires: EFBA.

7 Os textos incluídos são: “Para além do ‘Princípio de realidade’” (1936), “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1949), “A agressividade em psicanálise” (1948), “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia” (1951), “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1947), “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Um novo sofisma.” (1945) e “Intervenção sobre a transferência” (1952). Registramos, entre parênteses, o ano da publicação original e respeitamos sua ordem de aparecimento nos *Escritos*.

8 Foram publicados outros textos dessa época, não incluídos nos *Escritos*, em diversas fontes. Por exemplo: Lacan, J. (1986-88). *Intervenciones y textos* (2 Vols.). Buenos Aires: Manantial; Lacan, J. (2001). *Pas-tout Lacan (1926-1981)*. ELP: <https://ecole-lacanienne.net/es/bibliolacan/pas-tout-lacan-3/>; Lacan, J. (2013). *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós; Lacan, J. (2016). *O primeiríssimo Lacan: 40 primeiras intervenções (1933-1953)*. Non Liquet Ediciones: <https://nonliquet.weebly.com/>

9 Lacan, J. (1984). De nuestros antecedentes. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 61. (Tradução nossa).

solução; mas que, felizmente, não por isso foram fechadas, mas sim motivaram novas respostas.

Portanto, é errôneo se perguntar e tentar situar o gozo ou o objeto a no esquema L,<sup>10</sup> por exemplo, pois suporia que "isso" sempre esteve ali e só foi representado de forma diferente ao longo do tempo. Pelo contrário, para evitar este obstáculo epistemológico,<sup>11</sup> podemos nos perguntar como, do que ali não se responde, mas tampouco se obstaculiza, levou-nos às formulações posteriores, como as do grafo do desejo – onde estão trabalhados tanto a *jouissance*, o gozo, como o objeto a.

De nossa parte, parece-nos muito mais adequado perguntar pelo que pode responder cada formalização do ensino de Lacan,<sup>12</sup> reconhecendo, por sua vez, seus limites – isto é, o que não podem responder –, sem abandonar a referência à linguagem, sempre presente como aquela "imprudência" que nunca nos enganou.

Para começar a pensar a formalização do analista, proponho a seguinte citação do seminário 22, da aula do dia 10 de dezembro de 1974:

Naturalmente, incluso no era seguro que ellos mismos se percataran de que era eso el **fenómeno lacaniano**, a saber que tengo efectos para un público que sólo ha escuchado así, por repercusión, desde muy lejos, lo que yo puedo articular en este

sitio que está aquí y donde hago mi enseñanza para desbrozar para el analista el discurso mismo que lo soporta, **si es que es por el discurso, y siempre por el discurso, que padece esa cosa [Chose] que tratamos de manipular en el análisis, por un discurso.**

Naturalmente, inclusive não era seguro que eles mesmos percebessem que era isso o **fenômeno lacaniano**, a saber que tenho efeitos para um público que só escutou assim, por repercussão, de muito longe, o que eu posso articular neste lugar que está aqui e onde faço meu ensino para esclarecer para o analista o discurso que o sustenta, **se é que é pelo discurso, e sempre pelo discurso, que**

---

10 Como o faz J.-A. Miller ao propor uma "imaginação do gozo", do vetor imaginário de a—a', do esquema L. Segundo o autor, este paradigma "acentua a disjunção entre o significante e o gozo" (sic). Cf. Miller, J.-A. (2000). Los seis paradigmas del goce, en *El lenguaje, aparato del goce*. Buenos Aires: Colección Diva. pp. 141-146.

11 Este representacionismo se sustenta no "preconceito substancialista", clara demonstração do problema conhecido como "obstáculo epistemológico". Cf. Bachelard, G. (1993). *La formación del espíritu científico*. México: Siglo Veintiuno editores.

12 Ideia que devemos a Alfredo Eidelsztein.

---

**padece essa coisa [*Chose*] que tratamos de manipular na análise, por um discurso.**<sup>13</sup>

O fenômeno lacaniano consiste em que essa coisa [*Chose*] padece pelo discurso; mas também é manipulável na análise graças ao próprio discurso. A Coisa freudiana [*La Chose freudienne*], no ensino de Lacan, é manipulável pela palavra. Por isso, mais adiante, especifica:

Contudo, é indispensável que o analista seja, pelo menos, dois.

O analista para ter efeitos é {est} o analista que teoriza esses efeitos.<sup>14</sup>

Metodologicamente, o analista é dois: o analista dos efeitos e o analista que os teoriza.<sup>15</sup> No entanto, ambos formam um só bucle, pois também podemos pensar que não há analista sem efeitos, inclusive iatrogênicos; o que implica que há uma posição teórica a respeito, ainda que o analista a desconheça. Portanto, sustentamos que é imperioso que o analista teorize seus efeitos: tanto para ter efeitos em função de uma direção da cura como para evitar os iatrogênicos.

No caso da primeira clínica de Lacan, esta posição metodológica já está presente. Para estudá-la, consideramos que possui uma formalização dialética e uma sintética – para teorizar os efeitos na cura de dois modos diferentes. Neste sentido, aderimos à noção de "formalização" que Badiou — conhecido filósofo, matemático e aluno de Lacan — defende.

O conceito de formalização – **formalizar a experiência, dar forma a ela** – é provavelmente **o operador mais importante**, já que a formalização é algo que não se decanta pela **analítica** ou a **dialética**.<sup>16</sup>

---

13 Lacan, J. (1989). *El seminario 22. R.S.I. 1974-1975* (R. Rodríguez Ponte, Trad.). Buenos Aires: EFBA. p. 7. (Tradução nossa)

14 Idem. (Tradução nossa).

15 Consideramos que esta separação entre um analista que produz efeitos e um analista que os teoriza é metodológica e não se confunde com uma posição epistemológica do problema, nem muito menos com uma ontológica, onde o analista já está presente nos efeitos que produz: sua posição teórica já está presente na coisa analisada.

16 Badiou, A. (2017). *Filosofía y la idea del comunismo. Conversación con Peter Engelmann*. Madrid: Trotta. p. 32. (Tradução nossa).

---

Dar forma à experiência, para Badiou, adquire dois pontos de vista: o *analítico* e o *dialético*, não priorizando a nenhum dos dois. Consideramos que isto é o que acontece na primeira clínica de Lacan: com o esquema L, uma formalização analítica; com o grafo de uma análise, uma formalização dialética. Em que consiste cada formalização? Badiou especifica:

Y para esclarecer este movimiento [del sujeto], para formalizarlo, pueden emplearse a la vez los recursos del análisis dialéctico —**en términos de negatividad, de crítica y de contradicción**— y los elementos analíticos —**en términos de estructura, de elementos dominantes de la estructura**, etc.—, recurriendo a categorías más bien parecidas a diferentes clases de formalización. E para esclarecer este movimiento [do sujeito], para formalizá-lo, podem ser empregados ao mesmo tempo os recursos da análise dialética – **em termos de negatividade, de crítica e de contradição** – e os elementos analíticos — **em termos de estrutura, de elementos dominantes da estrutura**, etc. –, recorrendo a categorias bastante parecidas a diferentes classes de formalização.<sup>17</sup>

A formalização, Badiou nos diz, é o *operador* mais importante; nós acrescentamos: da direção da cura. Ambas as aproximações permitem problematizar a cura a partir de perspectivas muito particulares.

Por sua vez, Alfredo Eidelsztein, em sua obra *Modelos, esquemas e grafos*, aponta o seguinte:

Os modelos, assim como os esquemas e grafos, são formas de apresentar esses conceitos e suas relações de maneira ‘sincrônica’; neles, todos os conceitos em jogo estão dados simultaneamente. Por outro lado, qualquer apresentação discursiva implica necessariamente a ‘diacronia’, já que todo discurso responde a uma estrutura fundamental que consiste em ser uma cadeia de termos, o que produz, como efeito inescapável, que os conceitos e suas articulações sejam expostos primeiramente um, depois o outro, e assim sucessivamente.<sup>18</sup>

---

17 Idem, p. 33. (Tradução nossa).

18 Eidelsztein, A. (2018). *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*. São Paulo: Toro editora. (p.13)

Eidelsztein opõe uma apresentação discursiva e diacrônica a outra apresentação simultânea e sincrônica. A primeira é a *comunicação articulada*, requisito de todo progresso científico, como Lacan nos faz lembrar em “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”;<sup>19</sup> a segunda é própria das formalizações. Contudo, ambas se relacionam:

O ensino de Lacan tem, entre outras particularidades, a seguinte: a forma em que se imbricam a sincronia e a diacronia de suas concepções, ou seja, a relação que guardam entre si os conceitos fundamentais em cada etapa do seu desenvolvimento e em seu progresso. O estudo dos modelos, esquemas e grafos é uma excelente via para prosseguir e estudar a articulação entre o que se caracteriza por estar marcado por uma lógica sincrônica e o que se caracteriza por estar em movimento a partir de uma lógica diacrônica.<sup>20</sup>

Encadeamento de argumentos e formalizações. Por fim, para realizar nossa pesquisa sobre o grafo de uma análise, podemos aplicar a indicação que Lacan faz para o esquema I:

Mais valeria, contudo, jogar no lixo esse esquema se, como tantos outros, ajudasse alguém a **esquecer** em uma imagem intuitiva **a análise que a sustenta**.

21

Este é o modo que Lacan propõe para estudar suas formalizações, especialmente aquelas que se apresentam em uma imagem intuitiva e didática: não esquecer a análise que as sustentam; ou, como coloca Eidelsztein, abordar o ensino de Lacan em sua diacronia e sincronia. Por isso, propomos realizar a análise que habilita o desenvolvimento do grafo de uma análise como a formalização da psicanálise tal qual uma dialética.

---

19 Cf. Lacan, J. (1984). “Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956”, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 470: “esses efeitos [imaginários] não são favoráveis à discussão, princípio de todo progresso científico [...] [e] da comunicação articulada”. (tradução nossa). Lacan opõe a comunicação articulada e seu recurso, a discussão científica, à comunhão do grupo sustentada na imagem de um líder idealizado.

20 Eidelsztein, A. (2018). Op. Cit. p.13/14.

21 Lacan, J. (1984). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 2). México: Siglo Veintiuno editores. p. 555. (Tradução nossa).

## Crítica inicial da noção de inconsciente

Antes de iniciar seu ensino, em 1947, Lacan realiza uma crítica da noção do inconsciente tal qual se encontrava no campo freudiano. Assim, por exemplo, em seu escrito

“Formulações sobre a causalidade psíquica”<sup>22</sup> defende que:

Nenhuma experiência como a da psicanálise terá contribuído para manifestá-lo [a função que tem a imago de instaurar, no ser, uma relação fundamental de sua realidade com seu organismo], e essa necessidade de **repetição** que mostra como efeito complexo – **ainda que a doutrina a expresse na noção, inerte e impensável, do inconsciente** – fala com suficiente clareza.<sup>23</sup>

Nesta citação, Lacan considera o inconsciente uma noção inerte e impensável,<sup>24</sup> tal qual a doutrina psicanalítica a expressa para explicar a *identificação* e a *repetição* — fenômenos fundamentais da experiência psicanalítica. No mesmo sentido, alguns parágrafos adiante, acrescenta:

Basta-me dizer que a consideração destes ["fenômenos elementares" da psicose paranoica] me levava a completar o catálogo das estruturas: simbolismo, condensação e outras explicitadas por Freud como aquelas, direi, do modo

22 Lacan lê este escrito no dia 28 de setembro de 1946, nas Jornadas psiquiátricas de Bonneval, no marco do discurso da "psicogênese das psicoses e das neuroses". Posteriormente, é publicado em 1947. Quando incluído em seus *Escritos* de 1966, do qual retiramos as citações que apresentamos neste trabalho, este artigo não sofre nenhuma mudança, de modo que podemos datar as críticas de Lacan à noção do "inconsciente" em 1947, a partir do primeiro texto publicado. Cf. De Frutos Salvador, Á. (1994). *Los Escritos de Jacques Lacan. Variantes textuales*. Madrid: Siglo Veintiuno de España editores.

23 Lacan, J. (1984). Acerca de la causalidad psíquica. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: siglo veintiuno editores. p.172.

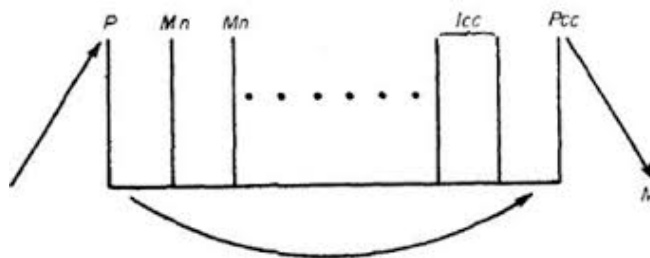
(Tradução nossa).

24 Anos depois, em 1967, Lacan continuará pensando que ninguém, até o momento, se deu ao trabalho de pensar o que é o inconsciente: "É um fato, um fato novo. Será necessário começar a pensar algo que dê conta de que pode haver pensamentos inconscientes. Não é evidente. / De fato, nunca ninguém se dedicou, de verdade, a isto que é, no entanto, um problema altamente filosófico" (tradução nossa). Cf. Lacan, J. (2007). Lugar, origen y fin de mi enseñanza, en *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós. p.18. E é, precisamente, porque o inconsciente é um *fato novo*, Lacan dirá, em relação à filosofia cartesiana, que nega a possibilidade de existência aos pensamentos inconscientes. O que são, então, essas discontinuidades que a consciência apresenta? Este é o fato novo que deve ser levado em consideração na psicanálise. Lacan tem razão: *não é algo óbvio*.



imaginário. **Porque espero que logo se renuncie ao emprego da palavra ‘inconsciente’ para designar o que se manifesta na consciência.**<sup>25</sup>

Nesta segunda citação, Lacan espera que o uso da palavra "inconsciente", para designar as *descontinuidades* que se manifestam na consciência, seja logo abandonado; tais como os "fenômenos elementares" da psicose ou os fenômenos das neuroses: lapsos, atos falhos, sonhos e sintomas – todos produtos do processo primário: condensação, simbolismo, etc. Lacan rechaça a noção de inconsciente! O que se manifesta na consciência, o catálogo destas estruturas, é explicado muito melhor do *modo imaginário*, isto é, como um efeito do imaginário e do estádio do espelho e não com essa noção *inerte e impensável* de "inconsciente".



Reproduzimos o esquema do pente, que representa a *primeira tópica* freudiana – consciente, pré-consciente e inconsciente –, para notar em que sentido é inerte esse inconsciente do qual Lacan fala — no esquema abreviado como *Icc*. É um inconsciente que se encontra, topicamente, justo antes do pré-consciente, de maneira fixa e em um lugar determinado dentro do aparato, o qual, por sua vez, pertence a um indivíduo. É o inconsciente pensado como *sistema*.

Recordemos a definição do *Dicionário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis, do inconsciente como um sistema:

No sentido tópico, a palavra inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no marco de sua primeira teoria do aparelho psíquico; é

25 Lacan, J. (1984). Acerca de la causalidad psíquica. Op.Cit. p.173.(Tradução nossa).

---

constituído por conteúdos recalcados, cujo acesso ao sistema pré-consciente foi recusado pela ação do recalçamento (recalçamento original e recalçamento subsequente). As características essenciais do inconsciente como sistema (ou *Ics*) podem ser resumidas do seguinte modo:

- a) seus "**conteúdos**" são "representantes" das pulsões;
- b) estes conteúdos estão regidos pelos mecanismos específicos do **processo primário**, especialmente a condensação e o deslocamento;
- c) fortemente catexizados pela **energia pulsional**, procuram retornar à consciência e à ação (retorno do recalcado); mas só podem encontrar acesso ao sistema *Pcs-Cs* pela formação do compromisso, depois de terem sido submetidos às deformações da censura;
- d) são especialmente os **desejos** infantis que experimentam uma **fixação** no inconsciente.<sup>26</sup>

Por essa definição, podem-se observar as notas essenciais deste inconsciente sistemático: ele tem conteúdos, as representações, por isso é continente; é regido pelo processo primário; tem uma energia e os desejos estão fixados. Talvez, neste último aspecto, note-se esse caráter inerte, imóvel e fixo, do qual fala Lacan; que em conjunto com os demais, merece a qualificação de uma maquinaria *impensável* e manca – cabe lembrar que estes caracteres do *Icc* sistemático serão herdados, em sua segunda tópica, pela noção do Isso, e que Lacan, uma vez mais, explicará com uma formalização (o esquema L) como efeito da linguagem.

De onde provêm essas críticas de Lacan? Essas críticas à noção do inconsciente na psicanálise provêm de George Politzer, de sua obra: *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Para Politzer, efetivamente, o inconsciente tal como definido por Freud é inerte e peca de certo *realismo ingênuo*, pois, ao ter precisado de categorias metafísicas que o situam em um *mais além* da narrativa dos pacientes, é afastado da experiência dialética da *vida dramática do homem*. Inclusive, sentencia o psicólogo e filósofo húngaro, realiza um passo injustificado:

---

26 Laplanche, J y Pontalis, J.-B. (1993). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Paidós. p. 193. (Tradução nossa).

E este **realismo é ingênuo**, porque precisamente **a passagem** do ponto de vista da **finalidade social à realidade atual** se efetua **sem justificativa alguma**, e com certa espontaneidade. De fato, não há ‘passagem’: **o que este realismo expressa são ‘as exigências da Sociedade’**: o indivíduo não é mais que o cumprimento das exigências sociais; em outros termos, a categoria de ‘Realidade’ não se abre ao princípio, naturalmente, senão **ao aspecto social das coisas**.

A **psicologia clássica**, com o emprego do postulado da significação convencional, **não faz senão prolongar a atitude desse realismo ingênuo**. [...] somente a psicologia [no que diz respeito à ciência] a conservou. Certamente é muito difícil **se livrar das exigências sociais**, e o postulado em questão não é o único exemplo da **transformação dessas exigências em realidades**.<sup>27</sup>

Politzer repreende Freud por ter voltado à psicologia clássica, por ter recuado em direção a ela, tendo retomado seus postulados. Reconhece que ele é o primeiro psicólogo a propor as vias de construção de uma psicologia verdadeira; mas, por outro lado, o repreende por retroceder, em virtude desses *preconceitos*, de sua grande descoberta. O mais prejudicial, quando muito, é este realismo ingênuo: *fazer as demandas sociais passarem por realidade e, inclusive, transformá-las em realidade*. Portanto, Politzer pensa que devemos nos desfazer desta noção de inconsciente, que obstaculiza nosso acesso a uma *verdadeira psicologia*,<sup>28</sup> que é uma psicologia em primeira pessoa.<sup>29</sup> Este realismo ingênuo, portanto, não é necessário para a descoberta freudiana; pelo contrário, a atrapalha.

### **A dialética do desejo *contra* o inconsciente freudiano**

Ainda estamos longe do escrito “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”. Apenas faltam sete anos para sua escrita; mas a distância teórica,

---

27 Politzer, G. (1969). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca. p. 91. (Tradução nossa).

28 Da qual Freud só deu o primeiro passo com a psicanálise. Portanto, esta *Crítica de los fundamentos de la psicología* propõe corrigir o que há de ultrapassado no descobrimento freudiano: os postulados da psicologia clássica. O nome deste projeto para uma psicologia verdadeira, que não chegou a ser realizada, foi a *psicología concreta*.

29 Psicologia em primeira pessoa, porque leva em consideração a narração que o paciente faz em primeira pessoa. Oposta à uma psicologia em terceira pessoa, que objetifica seus pacientes ao lhes dar consistência de coisas pertencentes a uma realidade que não é senão demanda social: o que a Sociedade espera que o homem seja como uma realidade atual.

---

que implica ainda um longo caminho pela frente, coloca vários marcos com relação a esta primeira clínica. Por agora, ainda nos encontramos com o rechaço de Lacan, apoiado em Politzer, no que tange à noção do inconsciente. Segundo Ángel De Frutos Salvador:

Na relação de Lacan com a psicologia, não se deve esquecer a influência do autor de *Critique des fondements de la psychologie* (1928), Georges Politzer.

A situação de Politzer era extraordinária naquela época. Este autor ressaltava que a psicologia nova deve ter por objeto ‘a vida dramática do homem’ e, nesta ordem, apontava dois fatos descobertos por Freud: o complexo de Édipo e a identificação que são ‘não só segmentos da vida de um indivíduo particular, mas também grandes esquemas dramáticos’. Rejeitava, contudo, a libido e o inconsciente. Lacan só o segue na rejeição inicial ao segundo. De Politzer, talvez, Lacan recebe a clara enunciação de que **psicanálise e método da introspecção são antitéticos**. E, finalmente, será Lacan quem realizará o seguinte projeto de Politzer: **liberar a psicanálise dos preconceitos** nos quais se vê envolta tanto por seus partidários como por seus adversários a fim de encontrar sua inspiração verdadeira.<sup>30</sup>

Lacan continua o projeto de Politzer. Podemos ver um sinal disso no rechaço tão firme ao inconsciente sistemático – lembremos: inerte e impensável. Além disso, conta-nos que logo percebeu estes preconceitos.

Talvez, será captado como, atravessando as portas da psicanálise, reconhecemos imediatamente em sua prática **preconceitos de saber** muito mais interessantes, já que são eles que devem ser reduzidos em sua escuta fundamental.<sup>31</sup>

Consideremos este escrito, de 1966, como testemunho da continuação deste projeto politzeriano: *reduzir os preconceitos de saber na escuta do psicanalista*. No entanto, no que estão fundamentados estes preconceitos? Na introspecção:

---

30 De Frutos Salvador, Á. (1994). *Los Escritos de Jacques Lacan. Variantes textuales*. Madrid: Siglo Veintiuno de España editores. p. 305. (Tradução nossa).

31 Lacan, J. (1984). De nuestros antecedentes. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 60. (Tradução nossa).

En el análisis un sujeto se da como pudiendo ser **comprendido** y lo es efectivamente: **introspección** e **intuición** pretendidamente proyectiva no constituyen aquí los **vicios de principio** que una psicología que daba sus primeros pasos en la vía de la ciencia consideró como irreductibles.

Na análise, um sujeito se dá como podendo ser **compreendido**, e de fato o é: a **introspecção** e a **intuição** pretensamente projetivas não constituem, aqui, os **vícios de princípio** que uma psicologia, em seus primeiros passos no caminho da ciência, considerou irreduzíveis.<sup>32</sup>

É estranho que um analista [...] ainda faça uso da **introspecção** na psicanálise.<sup>33</sup>

A introspecção e a intuição são *vícios de princípio* da prática psicanalítica; isto é, são preconceitos de saber da psicologia clássica que devemos reduzir na escuta de nossos pacientes. Por isso Lacan estranha, ironicamente, que os psicanalistas continuem a utilizá-las, quando o de que se trata na análise é que compreendam seu sujeito.<sup>34</sup>

Realizado o diagnóstico, a pergunta mais importante é a seguinte: como reduzir esses preconceitos de saber? Para isso, Lacan precisou de Hegel no enfrentamento do monstro da introspecção:

Das Übersinnliche ist also die *Erscheinung*, als *Erscheinung*  
[O suprassensível é, pois, o fenômeno enquanto fenômeno].<sup>35</sup>

Tanto o interno como o suprassensível partem do próprio fenômeno. Outro grande antecedente no ensino de Lacan foi o seminário de Alexandre Kojève, filósofo hegeliano-marxista que introduziu toda uma geração, da qual Lacan fez parte, na filosofia de Hegel. Kojève interpretou assim o rechaço à metafísica e, por conseguinte, à metapsicologia:

32 Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro. Zahar. (p.105)

33 Lacan, J. (1984). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 238. (Tradução nossa).

34 Não confundir com o "Cuidem em compreender!" introspectivo, e não dialético, que Lacan dedica, por um lado, a "Jaspers e sócios", e, por outro, aos analistas que encontraram, na atenção flutuante, "de cinquenta milhões de horas mais ou menos [...] seu conforto e seu desconforto" na busca de um *sentido oculto* nos ditos do paciente. Cf. Lacan, J. (1984). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 452 e 453.

35 Hegel, F. (2010). *Fenomenología del espíritu* (Edición bilingüe de Antonio Gómez Ramos). Madrid: ABADA/UAM. p. 216, 217.

"Das Übersinnliche ist also die *Erscheinung*, als *Erscheinung* [O suprassensível é, pois, o fenômeno enquanto fenômeno]" (Tradução nossa).

**A realidade verdadeira, absoluta, concreta, ‘divina’ se preferir, é o Mundo, o mundo revelado** (entre outros: mundo sensível) na medida em que este se revela (entre outros: pela sensação). No entanto, **quem revela o Mundo (o Ser) é o Homem**. Depois do Absoluto, é o Mundo natural que inclui o Homem que o sente, o percebe, o pensa e **fala dele** [...] <sup>36</sup>

O homem é quem *revela* o mundo; e o faz sentindo, percebendo, pensando e, sobretudo, falando dele. Esta é a realidade verdadeira. Não é necessário postular um mundo para além deste mundo, seja um mundo suprassensível ou interno ao homem – como sua alma, para o cristão; ou a psique, para o psicólogo. Isto só distorce a realidade ao desdobrá-la. Como afirma Politzer:

Objetivamente, a introspecção não é mais do que um ‘segundo relato’, resultante da aplicação do ponto de vista do formalismo funcional ao relato significativo, e o que a psicologia busca é precisamente a substituição do **primeiro relato, puramente significativo**, por um segundo que nada tem a ver com a **teleologia das relações humanas**, que, deste ponto de vista, é puramente ‘desinteressado’ e deve constituir a descrição de uma realidade *sui generis* [isto é, excepcional: trata-se de uma descrição desalinhada que não coincide com o que designa]. <sup>37</sup>

A metapsicologia freudiana é *sui generis*: uma construção extravagante que se afasta da teleologia das relações humanas, isto é, do relato significativo que encontra seu sentido na realidade social e humana. Nisto consiste a *intersubjetividade* com a qual Lacan trabalha nesta época, para enfrentar o solipsismo do subjetivismo psicologista que, em Freud, desemboca nessa noção de inconsciente sistemático: como um desejo individual e interno a cada pessoa.

A intersubjetividade propõe que *um sujeito é o que é reconhecido por outro sujeito*. Motivo pelo qual não podemos falar em ‘sujeito’ somente, nem muito menos em um desejo individual, sem contemplar outro desejo. É necessário outro sujeito para

---

36 Kojève, A. (2013). *Introducción a la lectura de Hegel*. Madrid: Trotta. p. 88, 89. (Tradução nossa).

“**A realidade verdadeira, absoluta, concreta, "divina" se preferir, é o Mundo, o mundo revelado** (entre outros: mundo sensível) na medida em que este se revela (entre outros: pela sensação). No entanto, **quem revela o Mundo (o Ser) é o Homem**. Depois do Absoluto, é o Mundo natural que inclui o Homem que o sente, percebe-o, pensa-o e **fala dele** [...]” (Tradução nossa).

37 Politzer, G. (1969). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Op. Cit. p. 81. (Tradução nossa).

reconhecê-lo; neste sentido, o ‘autoconhecimento’ é impossível, assim como o desejo próprio e individual. Kojève o diz desta maneira:

**O Desejo humano deve versar sobre outro Desejo.** Para que haja Desejo humano é necessário então que haja, em primeiro lugar, uma pluralidade de Desejos [...]. O homem somente pode aparecer sobre a terra, portanto, no seio de uma manada. [...]. Se a realidade humana é uma realidade social, a sociedade só é humana enquanto conjunto de desejos que se desejam mutuamente como Desejos. [...] **a história humana é a história dos Desejos desejados.** <sup>38</sup>

É inegável encontrar, na obra de Kojève, um dos antecedentes da obra de Lacan:

... **o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro**, não tanto porque o outro detém as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser **reconhecido** pelo outro. <sup>39</sup>

... o desejo do homem se **aliena** no desejo do outro [...]. <sup>40</sup>

Notemos que Lacan ainda não utiliza a distinção entre outro e um grande Outro; neste momento, o outro que o reconhece e diante de quem aliena seu desejo, o sujeito é *outro sujeito*. Neste sentido, retomemos, agora completa, a citação na qual Lacan propõe a verdadeira função da análise a partir da teoria da intersubjetividade e como oposta à introspecção:

**Só um sujeito pode compreender um sentido, inversamente todo fenômeno de sentido implica um sujeito. Na análise, um sujeito se dá como podendo ser compreendido e o é efetivamente: introspecção e intuição** pretensamente projetiva **não constituem aqui os vícios de princípio** que uma psicologia que dava seus primeiros passos na via da ciência considerou como irredutíveis. Isto equivaleria a criar um **beco sem saída** de momentos abstratamente isolados do

---

38 Kojève, A. (2013). *Introducción a la lectura de Hegel*. Madrid: Trotta. p. 54. (Tradução nossa).

39 Lacan, J. (1984). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 257. (Tradução nossa).

40 Lacan, J. (1984). Variantes de la cura tipo. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 330. (Tradução nossa).

diálogo, quando é necessário se entregar ao seu **movimento**: é o mérito de Freud ter assumido seus riscos, antes de dominá-los mediante uma técnica rigorosa.<sup>41</sup>

A psicologia clássica considerou o produto da introspecção como um dado irredutível – pense no que vem à mente do paciente na associação livre. Mas Lacan destaca que esse dado não é irredutível, mas, pelo contrário, já se encontra comprometido como um fenômeno de sentido, o qual implica outro sujeito. Politzer chamou a isto de *caráter exógeno da introspecção*:<sup>42</sup>

... Bergson demonstrou que **a introspecção** de seus predecessores **não foi sincera, que seus relatos introspectivos se nutriam da realização de exigências teóricas**. [...] a crítica bergsoniana pode muito bem significar que o **caráter ‘exógeno’ da introspecção** tem sido demonstrado por certo gênero de **‘segundo relato’**, aquele que faz intervir em seu cenário os personagens ‘estáticos’.<sup>43</sup>

### O grafo de 1953: contradição, negatividade e crítica

Por fim, para evitar os becos sem saída da introspecção, que reduzem os conceitos da psicanálise a abstrações, Lacan confia na dialética hegeliana: é necessário pensar os conceitos psicanalíticos inseridos em um *movimento*. Por tais motivos, no dia 8 de julho de 1953, Lacan pronunciou sua conferência “O simbólico, o imaginário e o real”,<sup>44</sup> diante de psicanalistas durante a primeira reunião científica da recém-criada Sociedade Francesa de Psicanálise. Aqui é onde apresenta a seus colegas a primeira formalização de seu ensino: *O Grafo de uma análise*, sua primeira arma contra os preconceitos de saber.

Nesta conferência, Lacan propõe a *formalização do caminho completo de uma análise* do seguinte modo: **rS-rI-iI-iR-iS-sS-sI-sR-rR-rS**. Esta formalização articula dialeticamente os três registros – simbólico, imaginário e real – em duplas. Para seu

41 Lacan, J. (1984). La agresividad en psicoanálisis. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 95. (Tradução nossa).

42 Pensem nesse caractere como um antecedente do neologismo de “extimidade”.

43 Politzer, G. (1969). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Op. Cit. p. 83, 84. (Tradução nossa).

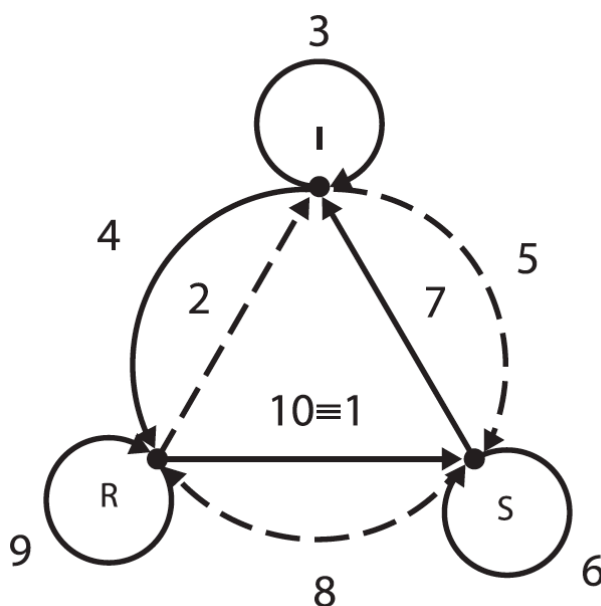
44 Que Lacan denominou “uma sorte de prefácio ou de introdução a certa orientação de estudo da psicanálise”, Cf. Lacan, J. (2009). *Lo simbólico, lo imaginario y lo real. Conferência pronunciada no Anfiteatro do Hospital Psiquiátrico de Sainte-Anne, Paris, em 8 de Julho de 1953, por ocasião da primeira reunião científica da recentemente fundada Société Française de Psychanalyse, e posterior discussão* (R. Rodriguez Ponte, Trad.). Buenos Aires: EFBA. Segundo Lacan, devemos considerar esta conferência como um *prefácio* ou uma *introdução* ao seu ensino. Daí seu valor para uma correta interpretação de sua obra.



estudo, nós a apresentamos numerada — tal como aparece em algumas versões da conferência — do 1 ao 10.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
rS	rI	iI	iR	iS	sS	sI	sR	rR	rS

A partir desta numeração, o grafo apresenta o seguinte caminho:



Não vamos fazer uma apresentação exaustiva do grafo, que reservamos para outro lugar. Mas queremos mostrar uma primeira análise, que deixe patente a correção dos preconceitos de saber que Lacan tentou resolver com ele. Propomos, neste sentido, três operações.

Primeiro, o grafo é uma formalização dialética que, mediante o movimento de momentos *contraditórios* — tese e antítese, que se tornam uma síntese, para depois começar de novo —, apresentará os conceitos freudianos como momentos — e não como abstrações — do diálogo analítico: transferência, inconsciente<sup>45</sup> e realidade, por exemplo.

45 Fenômenos que, lembremos, Lacan explicará nesta clínica do modo imaginário; no grafo como imaginação do símbolo, *iS*. Nesta primeira clínica, Lacan falará do inconsciente, mas de um reinventado. Cf. Lacan, J. (1984). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. p. 249: “O inconsciente é esse capítulo da minha história que está marcado por um branco ou ocupado por um embuste: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser encontrada novamente; na maioria das vezes já está escrita em outro lugar [...]”. (Tradução nossa) O inconsciente já não é um continente de energia e desejos fixados, mas um capítulo censurado da minha história que devo restituir pela interpretação analítica.

---

No grafo, estes momentos aparecem em duas tríades – de tese, antítese e síntese: o caminho completo do grafo dividido em três partes e, por sua vez, cada uma destas partes dividida em outras três partes.

Segundo, apresenta uma espécie de momentos de *negatividade*, isto é, momentos de Outridade, que tiram o sujeito do Mesmo para dirigi-lo ao Outro,<sup>46</sup> alguns conceitos que, se sabemos lê-los nesta chave, iluminamos sua aparente escuridão: narcisismos, como *imagem do outro (rI)*; inconsciente, como *discurso do outro* ou figurabilidade do discurso simbólico (*iS*);<sup>47</sup> e desejo, como *desejo do outro* ou desejo de ser reconhecido pelo outro (*sR*). No grafo, estes conceitos aparecem na linha pontilhada – que denota, em nossa opinião, seu caráter negativo e evanescente. A negatividade é representada como o segundo momento antitético de cada tríade – tanto do percurso completo do grafo, a grande tríade, como de suas partes resultantes, as pequenas tríades; assim, fica implícita a negatividade no *centro* de cada tríade: no centro há *nada*.

Terceiro, oferece uma série de *críticas* ao que, consideramos, serem as distintas posições que o analista pode assumir na direção da cura em relação à transferência/contratransferência (*iI*); o supereu (*sS*) e a neutralidade (*rR*). No grafo, aparecem nas linhas reflexivas, que se voltam sobre si mesmas.

---

46 Cf. Descombes, V. (1998). *Lo mismo y lo otro. Cuarenta y cinco años de filosofía francesa (1933-1978)*. Madrid: Cátedra.

47 Lacan ainda é reticente ao falar do inconsciente nesta conferência de 1953: só há uma menção em toda a conversa, e é para se questionar sobre isso! As descontinuidades da consciência, do *modo imaginário*, serão chamadas por Lacan desta primeira clínica como imaginar o símbolo. É, na aula de 9 de março de 1955, de seu seminário, onde esclarece o que é o inconsciente no grafo de uma análise: "imaginar o símbolo, por o discurso simbólico sob forma figurativa". Cf. Lacan, J. (1983). *El Seminario de Jacques Lacan. Libro 2. El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós. p. 232.

Na seguinte tabela,<sup>48</sup> apresentamos as relações acima mencionadas:

ANÁLISE dialética	MOMENTOS da experiência freudiana	PROPOSTA intersubjetiva	FORMALIZAÇÃO do grafo			LOCALIZA ÇÃO numerada
			<i>T</i>	<i>A</i>	<i>S</i> <sup>49</sup>	
Contradição	<i>Tese</i>	Mesmo	<b>rS</b>	<b>rI</b>	<b>iI</b>	1-2-3
	<i>Antítese</i>	Outro	<b>iR</b>	<b>iS</b>	<b>sS</b>	4-5-6
	<i>Síntese</i>	Real concreto	<b>sI</b>	<b>sR</b>	<b>rR</b>	7-8-9
Negatividade	Narcisismo	Imagem do outro	<b>rI</b>			2
	Inconsciente	Discurso do outro	<b>iS</b>			5
	Desejo	Desejo do outro	<b>sR</b>			8
Crítica	Transferência e contratransferência	Compreender o jogo	<b>iI</b>			3
	Supereu	Não incorporá-lo, mas simbolizá-lo	<b>sS</b>			6
	Neutralidade	Todo real é racional e vice- versa	<b>rR</b>			9

<sup>48</sup> Esta tabela é nossa conjectura baseada na leitura da conferência de Lacan e seus antecedentes. Em um trabalho futuro, nos empenharemos em esclarecer os elementos das células. Enquanto isso, quem nos lê pode brincar tentando localizar cada um dos elementos no percurso do grafo.

<sup>49</sup> Como o leitor atento poderá notar no nosso desenvolvimento, **T-A-S** são as iniciais de Tese, Antítese e síntese, que se repete nas pequenas tríades, como o antecipamos no desenvolvimento desta seção.

---

No cruzamento das antíteses, que aparecem sombreadas, da grande tríade na horizontal e as pequenas tríades na vertical, encontra-se a imaginação do símbolo (**iS**).<sup>50</sup> Deste modo, podemos afirmar que, no centro da experiência freudiana, encontra-se a maior negatividade possível de todo o caminho de uma análise: o inconsciente.

Esta tabela não pretende substituir a leitura da conferência de Lacan; pelo contrário, só quer localizar os momentos dos quais fala e acompanhar o leitor no decifração desta formalização.

Sua finalidade é nos aproximarmos, o máximo possível, da lógica dos momentos dialéticos do percurso de uma análise. Neste sentido, se com ela conseguimos intrigar os leitores, pela condensação de conteúdos que apresenta o grafo, nos damos por satisfeitos.

## Conclusões

Para as conclusões, queremos fazer nossas palavras as de Vincent Descombes:

Um pensamento não dialético se ateria à oposição entre o racional e o irracional, mas um pensamento que se pretende dialético deve, por definição, iniciar um movimento da razão em direção ao que é fundamentalmente alheio, em direção ao *outro*: todo problema reside em saber se é o *outro* o que terá sido reduzido ao *mesmo*, ou se, para abarcar simultaneamente o racional e o irracional, o *mesmo* e o *outro*, a razão terá que se metamorfosear, perder sua identidade inicial, *deixar de ser a mesma e se converter em outra com o outro*.<sup>51</sup>

A psicanálise é um projeto ilustrado. Serve-se da dialética, justamente, para dirigir-se ao outro, ao inconsciente, para que a consciência deixe de ser ela mesma, para ser outra com o outro. A experiência do inconsciente, nesse sentido, é uma experiência da mais

---

50 Cf. Lacan, J. (1984). La cosa freudiana o sentido del retorno a Freud en psicoanálisis. In *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores. Curiosamente, Lacan escolheu este artigo para ser o centro de seus *Escritos*; a este respeito, nos apoiamos nas palavras de Ángel De Frutos Salvador: “o livro, distribuído em sete partes, consta de trinta e três entradas. O lugar central é ocupado por ‘La chose freudienne’ que configura o número dezessete” (Tradução nossa), Cf. De Frutos Salvador, Á. (1994). *Los Escritos de Jacques Lacan. Variantes textuales*. Madrid: Siglo Veintiuno de España editores. p. 345.

51 Descombes, V. (1998). *Lo mismo y lo otro. Cuarenta y cinco años de filosofía francesa (1933-1978)*. Madrid: Cátedra. p. 31, 32. (Tradução nossa).

profunda alteridade e negatividade, uma experiência dialética transformadora, capaz de nos tornar outros em relação a nós mesmos. No entanto, para isso, é preciso romper com os preconceitos de saber que, em vez de colocar no centro essa negatividade transformadora, colocam um centro "real", o psiquismo, com conteúdos que nada mais são do que as demandas de uma dada sociedade.

A dialética ensina a Lacan que o real concreto nada mais é do que uma síntese de momentos contraditórios, que a negatividade está no centro da experiência da análise, e que é necessário fazer uma crítica dos conceitos que os psicanalistas consideram mais seguros. Em suas palavras: continuar com o debate das luzes.

---

**BIBLIOGRAFIA**

1. Bachelard, G. (1993). *La formación del espíritu científico*. México: Siglo Veintiuno editores.
2. Badiou, A. (2017). *Filosofía y la idea del comunismo. Conversación con Peter Engelmann*. Madrid: Trotta.
3. De Frutos Salvador, Á. (1994). *Los Escritos de Jacques Lacan. Variantes textuales*. Madrid: siglo veintiuno de españa editores.
4. Descombes, V. (1998). *Lo mismo y lo otro. Cuarenta y cinco años de filosofía francesa (1933-1978)*. Madrid: Cátedra.
5. Eidelsztein, A. (2010). *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
6. Hegel, F. (2010). *Fenomenología del espíritu* (Edición bilingüe de Antonio Gómez Ramos). Madrid: ABADA/UAM.
7. Kojève, A. (2013). *Introducción a la lectura de Hegel*. Madrid: Trotta.
8. Lacan, J. (1983). *El Seminario de Jacques Lacan. Libro 2. El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
9. Lacan, J. (1984). Acerca de la causalidad psíquica, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
10. Lacan, J. (1984). Contratapa, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
11. Lacan, J. (1984). De nuestros antecedentes, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
12. Lacan, J. (1984). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 2). México: Siglo Veintiuno editores.
13. Lacan, J. (1984). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
14. Lacan, J. (1984). La agresividad en psicoanálisis, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
15. Lacan, J. (1984). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
16. Lacan, J. (1984). Variantes de la cura tipo, en *Escritos* (2ª ed., Vol. 1). México: Siglo Veintiuno editores.
17. Lacan, J. (1989). *El seminario 22. R.S.I. 1974-1975* (R. Rodríguez Ponte, Trad.). Buenos Aires: FBA.

18. Lacan, J. (2007). *Apertura de la sección clínica*. México: Me cayó el veinte.
19. Lacan, J. (2007). Lugar, origen y fin de mi enseñanza, en *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós.
20. Lacan, J. (2009). *Lo simbólico, lo imaginario y lo real. Conferência pronunciada no Anfiteatro do Hospital Psiquiátrico de Sainte-Anne, Paris, em 8 de Julho de 1953, por ocasião da primeira reunião científica da recentemente fundada Société Française de Psychanalyse, e posterior discussão* (R. Rodriguez Ponte, Trad.). Buenos Aires: EFBA.
21. Laplanche, J y Pontalis, J.-B. (1993). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Paidós.
22. Miller, J.-A. (2000). Los seis paradigmas del goce, en *El lenguaje, aparato del goce*. Buenos Aires: Colección Diva.
23. Politzer, G. (1969). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca.
24. Porge, E. (1989). *Se compter trois: le temps logique de Lacan*. Toulouse: editions érès.

### **JAIME IVÁN HERNÁNDEZ ESPAÑA**

Psicanalista

Diretor da sede APOLa Xalapa

Licenciado em Psicologia pela Universidad Veracruzana, México

Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Estudios Superiores Guizar y Valencia, México

Atua como psicanalista na Ciudad de Xalapa, Veracruz, México, e online.

Contato: jaimeivanhee@gmail.com